"HUMILHADOS E OFENDIDOS": O INTERNATO ENQUANTO ESPAÇO DE HOMOSSOCIABILIDADE*

"HUMILIATED AND OFFENDED": THE BOARDING HOMOSOCIABILITY AS SPACE

Maria de Fátima Lopes Vieira Falcão[1]

Flávio Pereira Camargo[2]

RESUMO: Neste artigo, temos como objetivo analisar o romance *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan, a partir da perspectiva dos estudos sobre literatura e homoerotismo. O recorte temático diz respeito ao estudo das relações de homossociabilidade no internato e de suas consequências físicas e afetivas na vida de alguns internos, que são estigmatizados, humilhados e ofendidos pelo fato de serem gays.

PALAVRAS-CHAVE: amizade, estigma, homossociabilidade.

Considerações breves sobre o conceito de homossociabilidade

> No jogo do garrafão, quem podia descarregava agressividades acumuladas durante o dia ou a semana. Quem não podia, recebia a agressividade dos demais e, no máximo, chorava, porque reclamar era proibido — "homem de verdade tem que apanhar calado" (TREVISAN, 2001[3], p.48, grifo do autor).

O jogo do garrafão no Seminário é assustador. Todos sabiam o resultado. É violento e diz respeito aos meninos. Dentro do Seminário havia os mais franzinos. Ao mesmo tempo a brincadeira não deixa de ser uma ratificação sobre quem é mais forte e quem é mais fraco. Não há também como fugir, pois o jogo se caracteriza como uma socialização entre os garotos. Um jogo desumano, mas social. "Durante muito tempo o que mais se temeu foi que um adolescente ou um homem se efeminasse demais e infringisse o código da fraternidade viril, excluindo-se da sociabilidade masculina" (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p.114).

---

* Este trabalho deriva da dissertação de Mestrado intitulada "Homoerotismo e homossociabilidade no romance *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan", vinculado ao grupo de pesquisa "Estudos sobre a narrativa brasileira contemporânea" (CNPq).

[1] Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, com bolsa da CAPES. E-mail: <fatimafalcao@hotmail.com>.

[2] Pós-doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Letras pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Atualmente, é professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Goiás, com atuação na Graduação e na Pós-Graduação em Letras e Linguística. E-mail: <camargolitera@gmail.com>.

[3] A primeira edição desta obra foi publicada no ano de 1983, pela Editora Codecri. Para este artigo utilizamos a edição de 2001, da Editora Record.

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 88-105, ago. 2016. Recebido em: 15 abril 2016. Aceito em: 5 jul. 2015.

Nada mais comum do que ritos de passagens em escolas, seminários, colégios de freira ou qualquer instituição onde existem grupos de jovens. Muitos fazem uso de um jogo, ou qualquer outro artifício em que a força seja a representação mais desejável, no entanto, a maioria dos casos "envolve frequentemente a escolha de um apelido que prefigura o papel atribuído ao recém-chegado" (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p.124). Muitos dos garotos do seminário, os "mariquinhas", têm alcunhas de nomes de pássaros, tais como: Tico-Tico, Canário, Siriema etc, por serem mais delicados e sensíveis em comparação com os outros garotos, ou "Passarada" (TREVISAN, 2001, p.62); eram meninos com trejeitos femininos, fracos, gays, estigmatizados, envoltos em preconceito.

O agrupamento de garotos, como no Seminário, onde há a amizade, o companheirismo e também a hostilidade, é caracterizado como um ambiente homossocial. Para Eve Kosofsky Sedgwick o conceito de homossociabilidade é disposto da seguinte forma:

> Homossocial é uma palavra usada às vezes na História e nas Ciências Sociais, a qual descreve vínculos sociais entre pessoas do mesmo sexo; obviamente é um neologismo formado pela analogia de "homossexual", mas também para se distinguir de "homossexual". Na verdade, esta palavra é aplicada a atividades onde há "ligações do sexo masculino", o que pode, numa sociedade, ser caracterizado por intensa homofobia, medo e ódio à homossexualidade (SEDGWICK, 1985, p.1, grifos da autora)[4].

Etimologicamente homossocial e homossexual estão muito próximas, além disso, no âmbito das amizades entre homens, elas podem ser ou não extensão uma da outra. A homossociabilidade e a homossexualidade estão relacionadas aos laços afetivos, por exemplo, ou também podem ser concernentes à "construção de espaços ou discursos que excluem as mulheres, sendo essa uma característica essencial para a construção de laços sociais entre homens" (LECHAKOSKI; ADELMAM, 2011, p.3).

De acordo com José Carlos Barcellos (2006, p.23), na sociedade antiga a homossociabilidade servia como "estrutura a dominação patriarcal". Segundo Leandro Lechakoski e Míriam Adelmam (2011, p.9), a sociedade brasileira está inserida em um contexto homossocial, pois é uma sociedade de base patriarcal, facilmente percebido no âmbito da política e no mercado de trabalho, mesmo tendo elegido uma mulher para a

[4] No original: "Homosocial" is a word occasionally used in history and social sciences, where it describes social bonds between persons of the same sex; it is a neologism, obviously meant to be distinguished from "homosexual". In fact, it is applies to such activities as "male bonding", which may, as in our society, be characterized by intense homophobia, fear and hatred of homosexuality".

presidência; no entanto, os autores chamam a atenção para a masculinidade, "que [...] só existe em contraste com a feminilidade", ou seja, elas são relacionais.

A masculinidade, bem como o poder patriarcal, vem de uma sociedade que valida e sustenta como normal a heterossexualidade. A nossa sociedade binária de ser homem ou ser mulher, patriarcal, tem passado ao longo dos anos por radicais transformações históricas e sociais. As identidades diferentes dos padrões heterossexuais são chamadas de "estranhas ou desviantes", segundo Kathryn Woodward (2000, p.32). Essa autora ainda argumenta que "a forma como nós vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação" (WOODWARD, 2000, p.32).

Sobre a ética e a sociabilidade, Ortega (1999, p.142) argumenta, a partir do pensamento de Lévinas, sobre a "primazia da relação com o outro para o estabelecimento da relação consigo mesmo". Por um lado, a partir do estar com o outro posso perceber o que diferimos um do outro, em uma reflexão que põe o próprio ser em questão, e assim propiciar em mim um novo ser e, desta forma, abrir um caminho para a alteridade. Por outro lado, há a competência da relação como "possibilidade de situar a intersubjetividade no centro da constituição do sujeito", entretanto, é o convívio com o outro e com o que difere de mim no outro que pode levar a "imprescindibilidade do outro para a produção do si mesmo" (ORTEGA, 1999, P.142).

Ortega (1999, p.143) lembra que Foucault não desenvolveu suficientemente a "dimensão intersubjetiva", mas que o outro é necessário para a constituição da relação consigo, mesmo manifestada no cuidado de si.

Didier Eribon (2008, p.38) explica que a sociabilidade, quer seja gay ou lésbica, é instituída em uma prática e uma política da amizade; os contatos e encontros vão proporcionar a amizade e a partir desses conhecimentos forma-se "um círculo de relações escolhidas". Henning Bech afirma que "[e]star com outros homossexuais permite ver a si mesmo neles. Permite partilhar e interpretar a própria experiência [...]. As redes de amigos são, com as associações ou os *pubs* e os bares, uma das instituições mais importantes da vida homossexual" (*apud* ERIBON, 2008, p.38).

Desta forma, como o próprio Bech enfatiza, os homossexuais podem desenvolver suas identidades de forma mais concreta e positiva. Ou seja, o modo de vida dos homossexuais é bastante concentrado nas amizades, ou na tentativa de estabelecer estas

conexões e também instituir as mesmas (ERIBON, 2008, p.39). É dentro destes círculos de amizades, nessa socialização, que há a possibilidade de um horizonte afetivo, mesmo sendo seres estigmatizados, buscam-se estratégias de sobrevivência, pois, de certa forma, há efemeridade nos afetos dos relacionamentos. Além de um almejo na busca "pelo outro do mesmo sexo, revelando a carência afetiva" que os gays sentem, eles são "marcados pela solidão e pela angústia existencial", segundo Flávio Pereira Camargo (2012, p.3). Trata-se, portanto, de sentimentos, angústias e dores inerentes aos seres humanos, mas nesses sujeitos eles são potencializados, justamente porque sua condição humana lhes é alijada, passando de sujeitos a abjetos em uma sociedade demasiadamente hipócrita.

"Desejar rapazes é desejar relações com rapazes", assim Foucault (1981, p.1) fala do desejo entre homens. A sexualidade não está atrelada fatalmente à reprodução, mas vai além disso, passa pela satisfação do corpo e das relações de amizade, que podem ou não conter sexo. Na sociedade ocidental as relações de amizade entre homens são mal vistas, são "marcadas por conflitos, por questionamentos, pela interdição, pelo medo, mas, principalmente, pelo desejo de possuir o outro, de tê-lo em seus braços e com ele estabelecer relações afetivas e/ou sexuais" (CAMARGO, 2012, p.2).

Em concordância com Eribon (2008, p.39), as amizades e os amigos são o básico no modo de vida gay, pois marcam um progresso sobre uma vida forçada muitas vezes pela solidão, por imposição da homofobia, havendo a "socialização em e pelos lugares de encontro (sejam os bares ou os parques)". Além disso, o autor alude sobre o quão importante tem sido "o desenvolvimento urbano", como o lugar que propicia "novas formas de sociabilidade", o que faz com que os gays se encontrem em ambientes menos marginalizados e estigmatizados, e que psicologicamente favorece a uma vida bem menos oprimida. Assim, para Eribon (2008, p.40), o mundo urbano é para os homossexuais "uma invenção, individual e coletiva, de si mesmo". Mesmo porque os gays conhecem o peso das relações, uma vez que "os valores de identidade gerais de uma sociedade podem não estar firmemente estabelecidos em lugar algum, e ainda assim podem projetar algo sobre os encontros que se produzem em todo lugar na vida quotidiana", de acordo com Erving Goffman (2004, p.109).

No entanto, Camargo (2011, p.67) salienta que muitas vezes a socialização nos espaços urbanos acontece em áreas mais marginais, em territórios que são frequentados pelos grupos considerados "da margem", tais como "os pobres, os favelados, as prostitutas, os garotos de programa, os traficantes, os travestis, os homossexuais". Os diversos territórios e

espaços ocupados pelos grupos considerados “da margem” implicam a constituição de uma sociabilidade, pois muitas vezes não há parada, estabilidade, em um local fixo, uma vez que os territórios são variados.

A expressão “código-território”, empregada por Nestor Perlongher (1995, p.96), em seu trabalho sobre “Territórios Marginais”, “refere-se à relação entre o código e o território”. Neste sentido, existem duas noções básicas, a desterritorialização e a reterritorialização; a desterritorialização se refere aos códigos que recebemos na nossa formação, tidos como “normais”; o processo de reterritorialização diz respeito aos códigos para uma adaptação para pertencer a novos grupos, esses códigos podem ser sobre linguagem, gestos etc.

Os garotos do Seminário, da obra *Em nome do desejo*, principalmente os da Passarada, viviam essa reterritorialização, pois se uniam para se protegerem e sobreviverem em um ambiente que lhes era estranho e hostil. Participavam do jogo do Garrafão, jogavam futebol, mesmo contra a vontade, porque precisavam pertencer àquele espaço; entretanto, dentro de seus grupos, quando se viam como iguais, eles se conheciam pelos gestos e assuntos que lhes eram peculiares. Assim, percebemos como era imprescindível para os garotos ter a certeza que, apesar das adversidades, eles também competiam para pertencer àquele ambiente.

Eribon (2008, p.41, grifo do autor) afirma que “um homossexual pode participar do “mundo gay” sem perder seu lugar no mundo heterossexual”. De fato, o homossexual vive como um camaleão, podendo ser várias as identidades que ele cria para se adaptar, porém tudo isso é uma forma de resistir “à opressão e a marginalização”. O autor ainda alude para o fato de que muitos gays deixaram de esconder muitas destas identidades, dos quais “participavam de maneira mais ou menos clandestina” (2008, p.42), e associaram-se mais ao que se chama “mundo gay”. É neste mundo que o homossexual vai encontrar “um conjunto de indivíduos dos quais o estigmatizado pode esperar algum apoio: aqueles que compartilham seu estigma e, em virtude disto, são definidos e se definem como seus iguais” (GOFFMAN, 2004, p.27).

Nos grandes centros urbanos, lugares de maior socialização, existem as injúrias e a violência, porém é lá, nas grandes cidades, que os gays se encontram e formam o que os heterossexuais costumam chamar de subcultura. Nas cidades pequenas o gay é interpelado constantemente, sofre insultos, muitas vezes agressões violentas, situação pela qual o heterossexual não vivencia; o medo de confessar faz com que o homossexual se adapte

forçosamente a um modelo preestabelecido, além de fazer com que ele migre para os grandes centros urbanos.

Por um lado, as cidades grandes também possibilitam a promoção da independência, a busca por respeito e sucesso na carreira, além de instigar a criação de laços afetivos, ou, como salienta Camargo (2012, p.13), as amizades que podem "camuflar uma relação erótica entre homens", a introdução no espaço gay e mais mobilidade geográfica e temporal. Implica, ainda, o anonimato e a solidão, em contrapartida com as pequenas cidades, onde esses sujeitos são sempre apontados como estranhos. Por outro lado, a solidão e o anonimato podem impelir a angústia existencial, pela conscientização de si, uma vez que os gays são vistos por muitos como seres abjetos. Há, ainda, a ruptura de laços afetivos e o distanciamento da família, para quem a identidade desses sujeitos não tem importância ou não é reconhecida. Enfim, a cidade pode possibilitar a vivência de uma subjetividade, uma identidade; todavia, ela também pode apresentar muitos problemas, mesmo aqueles que são tão comuns nas pequenas cidades.

Os amigos feitos, os laços de amizade, que são encontrados nos bares, nas boates e festas gays são "laços construídos e escolhidos", sobretudo porque "está longe de ser uma tarefa fácil" (ERIBON, 2008, p.51). Ademais, no próprio local de trabalho, na maioria das vezes, é difícil constituir amizades, principalmente "quando procuram esconder o que são", de acordo com Eribon (2008, p.51).

Essa separação do seio familiar é aflitiva e leva muito tempo para ser cicatrizada, porque às vezes se torna uma eterna ferida aberta. Derrida, aludido por Eribon (2008, p.51), ressalta que esse sentimento "nunca está terminado". É como um luto que jamais passa, pois a ruptura com os laços de família, devido ao espaço que o gay ocupa em uma sociedade, conduz ao sofrimento psicológico, à dor existencial e à solidão.

Na verdade, Eribon explica que a luta homossexual em formar casais, constituir família, adotar crianças, seja uma busca por uma legitimação diante da própria família e da sociedade, uma vez que os homossexuais buscam "uma ancoragem familiar perdida, e talvez restabelecer, por esse meio, laços com a família que foi deixada, ou até de se inserir novamente na vida 'normal' ao se reinscrever na sequência das gerações" (2008, p.52, grifo do autor).

Goffman (2004, p.5/8, grifos do autor) em seus estudos sobre os estigmas, no que se refere à identidade social, afirma que os gregos criaram o termo estigma para se "referirem a sinais corporais", e que através destes um indivíduo teria seu *status* moral depreciado. Esse

ser seria “uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada”, principalmente no espaço público. O autor acentua que os estigmas, ou “atributos indesejáveis”, mais inconvenientes são aqueles que fogem dos modelos preestabelecidos para “um determinado tipo de indivíduo”. Assim, por exemplo, a estigmatização de alguém ou de um grupo, como o dos homossexuais, é uma tentativa de confirmação de “normalidade de outrem”, como no caso dos heterossexuais.

O estigmatizado pode, de acordo com o autor, estar na condição de *desacreditado ou desacreditável*. O primeiro engloba casos como os dos gays, onde o estigma recai sobre “culpas de caráter individual, percebidos como de vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade”, entre outros. O segundo seria aquele que “não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles”. O estigmatizado é visto como não sendo “completamente humano”, pois os considerados *normais* irão sempre insistir na inferioridade do sujeito estigmatizado.

É importante perceber que todo este aparato dado ao estigmatizado é explicado em parte a partir do levantamento histórico de Foucault (1988, p. 36) pelos idos dos séculos XVIII e XIX , quando o homossexualismo, como era chamado, era visto como “doença dos nervos”, pela medicina; e depois como “extravagância” e “fraudes contra a procriação”, pela psiquiatria; além disso, Foucault esclarece que dentro da “etiologia das doenças mentais” ela aparecia como uma “perversão sexual”.

Por trás dessa marcação ideológica ratifica-se a naturalização a partir do essencialismo, que vê a identidade “fixa e imutável”, “e que não se altera ao longo do tempo”, segundo Woodward (2000, p.12/3). Sabe-se que não se “escolhe” ser gay, como diz Eribon (2008, p.56), ideia completamente refutada pelo escritor e poeta Jean Genet, que sempre argumentou que “ser homossexual fora para ele a mesma coisa que ter dois pés ou duas mãos”. No entanto, o gay pode escolher um modo de vida no sentido de “superar uma “miséria de posição” que lhe parece insuportável e a “melancolia” que disso é apenas a expressão psicológica” (ERIBON, 2008, p.56, grifos do autor).

“O modo de vida homossexual está fundado nos círculos concêntricos das amizades ou na tentativa sempre recomeçada de criar tais redes e de estabelecer tais amizades” (ERIBON, 2008, p.39). Os garotos da Passarada, no Seminário, criaram um círculo de afeição entre eles que, de outro modo, não seria possível a convivência na instituição. A homossociabilidade que se estabelece entre os garotos é justamente para fugir de uma solidão que é marcada pela

diferença e por saber que esta é visível aos olhos dos "normais", que estão sempre aptos a legitimar o distanciamento.

> Alguém podia ter muita sorte e ser salvo, no meio da surra, pelo toque da sineta. Então o jogo do garrafão interrompia-se imediatamente. Os mais fortes riam satisfeitos, descontraídos, refeitos, sacudindo o pó e o suor. Os mais fracos corriam para o lavatório. Apressadamente lavavam os sinais de surra que pudessem sair com água e sabão. Porque havia outros que demoravam semanas para sair e, às vezes, precisavam de cuidados especiais do enfermeiro. Eram marcas da derrota que ficavam grudadas nalguma parte das costas ou num braço ou no rosto e ostentavam a humilhação de se ter sido o mais fraco de todos (TREVISAN, 2001, p.50/1).

Ouvir designações como fraco, mariquinha, Tico-Tico, afeminado é difícil em um mundo patriarcal, heterossexual. Há um significado embutido nas palavras que além de soarem depreciativas, percebe-se que é um ato de puro escárnio, pois a "linguagem nunca é neutra, e os atos de nomeação têm efeitos sociais: definem imagens e representações", como evidencia Eribon (2008, p.22).

O internato enquanto espaço de homossociabilidade

O narrador, na obra *Em nome do desejo*, diz que "todo drama se desenvolve num palco" (TREVISAN, 2001, p. 27). Este palco é o espaço do Seminário. Um espaço de homossociabilidade. Um ambiente onde há a socialização de pessoas do mesmo sexo, que não deixa de ser também um espaço homoafetivo. Para Eve Sedgwick (1985), a homossociabilidade promove estas ligações, como no caso do Seminário, entre os garotos. Dentro deste ambiente a homossociabilidade pode levar ao medo e ao ódio da homossexualidade, uma vez que o desejo entre pessoas do mesmo sexo pode acontecer e, desta forma, pode dar condições para a homofobia emergir.

No entanto, Denilson Lopes (2002, p. 38) afirma que o vocábulo homoafetividade é um termo que não se restringe à homossociabilidade homofóbica, uma vez que ela se encontra nas relações entre homens, entre um pai e um filho, mãe e filha, entre irmãos, amigos, enfim, "uma política da homoafetividade busca alianças para desconstruir espaços de homossociabilidade homofóbicos ou heterofóbicos".

O livro de João Silvério Trevisan (2001), *Em nome do desejo*, conta a história de amor de dois personagens, Tiquinho e Abel, desde a entrada do primeiro, ainda criança, no Seminário, pois até aquele momento não usava cueca e "andar sem cuecas é contra o

Regulamento" (TREVISAN, 2001, p. 58), seu primeiro susto quanto à sua sexualidade: "Alguma coisa saiu errada comigo" (TREVISAN, 2001, p. 59), quando se encantou por Abel, até a saída inesperada deste da instituição. No Seminário havia cerca de sessenta garotos. Todos jovens entre as idades de 10 e 15 anos.

Crianças e adolescentes nesta idade não necessariamente têm uma concreta ideia do que pretendem ser. No entanto, podem ser fortemente influenciados por adultos, ou, como o narrador fala "muitos meninos eram vocacionados por pressão familiar" (TREVISAN, 2001, p. 28). Entenda-se por pressão uma promessa da mãe, ou porque os estudos sairiam sem custo nenhum para a família, por exemplo. A entrada no Seminário, muitas vezes, significava a representação de um papel. Os garotos eram tidos como eleitos, pois seriam na terra representantes de Deus. Não importa se vestir a roupa de eleito significasse não ter talento para o personagem.

Os seminaristas se dividiam entre os Maiores e os Menores. Os últimos estavam entre 10 e 13 anos de idade, enquanto os primeiros a partir dos treze anos. Os Menores eram em maior quantidade. Acontece que à medida que iam crescendo muitos se rebelavam do papel de eleitos e eram expulsos. Entretanto, este comportamento era considerado normal, pois "dentre os muitos chamados, poucos eram os escolhidos" (TREVISAN, 2001, p. 29). Um dos principais intérpretes deste drama era João, "um menino sensível e delicado, recém-incluído na turma dos Maiores, pois acabava de completar treze anos" (TREVISAN, 2001, p. 29). Mesmo havendo muitos que o chamavam de Joãozinho, seu apelido mais conhecido era o de Tico-Tico, ou Tiquinho, por ele ser miúdo, "um tiquinho de gente" (TREVISAN, 2001, p. 30). A turma de Tiquinho era conhecida como "Passarada (nome maliciosamente reinterpretado, pelos mais afoitos, como "Bicharada")" (TREVISAN, 2001, p. 62, grifo do autor). Além de Tiquinho, ou Tico-Tico, havia Canário, Tuim, Siriema e Pica-Pau, todos faziam parte da Passarada.

O ato de nomear a turma de Tiquinho de "Bicharada" ou "Passarada" pode ser considerado como uma injúria. Eribon (2008, p. 29) afirma que a "injúria é um enunciado performativo", pois ele produz efeito e demarca a diferença entre normais e estigmatizados, estabelecendo este domínio sobre o outro, pois "a injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou". Além de funcionar como demarcação de identidade, o espaço do Seminário funciona também como fabricação de identidades.

Esta identificação ardilosa vinha do fato de existirem características diferenciadas entre a turma de Tiquinho e os outros. A turma do primeiro era distinguida por ter hábitos de higiene, gostar de vôlei, "emitir gritinhos de susto ou surpresa, ter horror ao jogo do garrafão e gesticular de um modo um pouco esvoaçante" (TREVISAN, 2001, p. 62). O que proporcionava a união dentro do grupo de Tiquinho é que eles se apaixonavam por outros colegas e cada um dava suporte ao outro, pois partilhavam dos mesmos sentimentos e adversidades, por viverem em um ambiente preconceituoso.

De acordo com o narrador, eles "tinham jurado confiar cegamente um no outro e repartiam todos os problemas e segredos mais íntimos, aí incluindo suas paixões. Em maior ou menor grau, eram todos classificados na categoria de 'mariquinhas'" (TREVISAN, 2001, p. 60-61, grifo do autor). Eles eram conhecidos como "estetas a julgar pelo refinamento de seus gostos em matéria de roupa, de beleza masculina, de música popular ou clássica" (TREVISAN, 2001, p. 62).

Nas reuniões da Passarada havia uma leveza em ser o que se era. Uma liberdade principalmente em verbalizar os sentimentos, pois eles elegiam o garoto mais bonito, chegando a formar um fã-clube para o predileto; promoviam peças de teatro japonês com maquiagem e cortinas coloridas; ouviam música clássica e ópera, além de fazerem leituras de livros sacros. Essa relação muito particular dos garotos com leitura, cultura, entretenimento, dentro do Seminário, nos faz pensar sobre uma descrição de Proust de que "por uma transposição inconsciente, relacionam com seu desejo bizarro tudo aquilo que, na literatura, na arte, na vida, há tantos séculos, ampliou como um rio a noção do amor [...]. Esperam com a fé de uma heroína de Walter Scott a chegada de Rob Roy e de Ivanhoé" (*apud* ERIBON, 2008, p. 45). Esses garotos são jovens, são pessoas estigmatizadas formando um grupo que se apoiam mutuamente, pois compartilham o mesmo estigma, além de serem definidos e se definirem como seus iguais.

Erving Goffman (2004, p. 5-8) em seus estudos sobre os estigmas, no que se refere à identidade social, afirma que os gregos criaram o termo estigma para se "referirem a sinais corporais", e que através destes um indivíduo teria seu *status* moral depreciado. Esse ser seria "uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada", principalmente no espaço público. O autor acentua que os estigmas, ou "atributos indesejáveis", mais inconvenientes são aqueles que fogem dos modelos preestabelecidos para "um determinado tipo de indivíduo". Assim, por exemplo, a estigmatização de alguém ou de um grupo, como o dos

homossexuais, é uma tentativa de confirmação de "normalidade de outrem", como no caso dos heterossexuais.

O estigmatizado pode, de acordo com o Goffman (2004, p. 5-8), estar na condição de *desacreditado ou desacreditável*. O primeiro engloba casos como os dos gays, onde o estigma recai sobre "culpas de caráter individual, percebidos como de vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade", entre outros. O segundo seria aquele que "não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles". O estigmatizado é visto como não sendo "completamente humano", pois os considerados *normais* irão sempre insistir na inferioridade do sujeito estigmatizado, como ocorre no Seminário com o grupo da Passarada.

Dentro das reuniões da Passarada ninguém vivia preocupado se era ou não gay, procurando saber a que identidade pertenciam, mas se divertiam dentro do que concebiam como seus verdadeiros sentimentos, ou como Foucault (1981, p.1) destaca, "temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos". Eles viviam em um mesmo espaço, aproveitavam o tempo em que estavam juntos, dormiam no mesmo aposento, comiam no mesmo refeitório, estudavam na mesma sala, se confidenciavam, partilhavam suas dores e temores, isto era o dia a dia dos meninos, era o que eles conheciam por viver.

Os outros eram os garotos que passavam dois dias sem banho, chegando ao ponto de um deles levar duas semanas sem se banhar, o que significava ser "recordista de virilidade" (TREVISAN, 2001, p. 61); participar do jogo do garrafão, onde escolhiam sempre as mesmas vítimas para humilhar e ofender; jogar futebol; injuriar os colegas da Passarada, principalmente no jogo do garrafão, pois como era proibido ofender com "'fresco' e 'filho-da-puta'" (TREVISAN, 2001, p. 50, grifo do autor), estes garotos gritavam ritmadamente "ma-ri-qui-nha, ma-ri-qui-nha" (TREVISAN, 2001, p. 50) contra suas presas.

O jogo do garrafão era uma socialização bruta. No entanto, quer queira quer não, todos participavam. Os mais fortes, ou pegadores, tomavam um lenço e davam um nó, depois mergulhavam "o nó do lenço em cola e [deixavam] secar" (TREVISAN, 2001, p. 50). O jogo tinha o formato de uma garrafa, como um corredor polonês, com um gargalo. Os que eram incentivados a entrarem no jogo "tomavam surra de nós com cola dura, o que equivalia a uma saraivada de pedras a açoitar o corpo" (TREVISAN, 2001, p. 50). A vítima poderia ser apanhada ainda longe do garrafão, de forma que já vinha levando sova desde então. O

narrador chama de “Via Sacra” todo o desenrolar do jogo, pois as vítimas ficavam desesperadas, uma vez que seus rostos se contorciam “pelos gemidos desafinados e pelo pranto incontrolável daquele que apanhava, sofria e se mijava de medo” (TREVISAN, 2001, p. 49-50). A via dolorosa se dava quando ainda era apanhado antes de chegar ao calvário, ou garrafão, quando se dava o grande sacrifício. Na simbologia da décima estação da Via Sacra Jesus é despojado de suas roupas, correlativamente ao jogo é o momento em que a vítima é revestida de toda a humilhação.

Sendo assim, o jogo era uma confirmação de que “os mais fracos continuavam mais fracos. Os mariquinhas, cada vez mais maricas. Quanto aos fortes, tinham sua força redobrada” (TREVISAN, 2001, p. 52). O jogo do garrafão e o jogo de futebol, por exemplo, são jogos que no imaginário das pessoas é essencialmente masculino, uma sociabilidade masculina, uma microrrelação de poder, funcionando também como uma correção. A agressividade encontrada em jogos como estes é vista como um atributo masculino, uma performance marcada pela raiva. Os garotos mais fracos precisavam participar, mostrar uma performance diferente daquela que lhes era inerente, porque sabiam que além de não poder fugir precisavam evitar serem chamados de mariquinha. Louro (2010, p. 17) denomina essa performance de “masculinidade dura, forjada no esporte, na competição e numa violência consentida”.

Os meninos, mais precisamente os da Passarada, viam esse jogo como um martírio, um “Juízo Final” (TREVISAN, 2001, p. 48). Muitos deles, inocentemente, diziam sofrer as dores em nome de Deus, pois se lembravam do sofrimento de Jesus na cruz, mas, ao mesmo tempo, o narrador ironicamente diz que “Deus não ia aceitar um sacrifício tão besta, tão gratuito como esse” (TREVISAN, 2001, p. 48). O jogo, na verdade, é uma representação da violência pela qual os gays são vítimas. São injuriados, performatizados, humilhados.

Foucault (1981, p. 3) fala sobre “buscar definir e desenvolver um modo de vida” gay, o que, na verdade, é o que os garotos da turma de Tiquinho faziam. Eles entendiam o sexto mandamento do jeito deles, por exemplo, de uma forma bem literal. Amar o próximo como a si mesmo e ser correspondido era algo soberbo, pois se estaria seguindo uma regra, uma prescrição. Não importava se eram dois garotos, o que se levava em consideração eram os laços de confiança, de amizade, e a inocência do sofrimento do amor “conforme o mandamento de Cristo” (TREVISAN, 2001, p. 34). Neste sentido, eles estão indo além do

simples pensar sobre o próprio sexo, pois estão fazendo uso da sexualidade para se chegar a uma multiplicidade de relações, uma vez que os garotos mesclavam religião e amor.

O ingresso no Seminário era algo doloroso para os pequenos, os novatos. Eles haviam acabado de deixar o caloroso colo da mãe, aos dez anos, para conviver com pessoas completamente estranhas. "O novato era geralmente um molequinho chorão: abria a boca por qualquer coisa e chamava a mãe. Ou então chorava escondido no banheiro, com saudade de casa" (TREVISAN, 2001, p. 45). Entretanto, para cada novato, que era considerado assim apenas por um ano, havia um anjo. Este recebia e ensinava tudo sobre o Seminário, "desde como se ajoelhar na capela e cortar uma banana na sobremesa até os pontos principais do Regulamento" (TREVISAN, 2001, p. 45).

Os anjos usavam de seus conhecimentos e experiência para tirarem vantagens sobre seus pupilos. Havia anjos bons, mas eram raros. Os maus "se aproveitavam para comer os doces que o pupilo recebia, para ameaçar com represálias inventadas, para botar medo a respeito de tudo ("aqui a comida tem salitre, então quem come demais vira fresco")" (TREVISAN, 2001, p. 45, grifo do autor). O novato era conhecido também como sapinho, "porque ainda não vivia dentro da água mas já tinha saído da terra" (TREVISAN, 2001, p. 45). Na verdade, todo anjo já havia sido um novato, então eles sabiam como a manipulação funcionava.

As condições de sobrevivência dentro do Seminário não eram das mais calorosas nem para anjos nem para novatos. Dizer que entre os dois grupos (anjos e novatos) há o que Foucault (1981, p. 5) chama de "tecido afetivo", como o que acontece entre soldados em um campo de batalha, talvez não seja o caso. Todavia o Seminário é um espaço de homossociabilidade, "onde personagens masculinos mantêm relações de amizade, rivalidade e competência" (LECHAKOSKI; ADELMAN, 2011, p. 3) permeada pela experiência do mais velho sobre o mais novo.

Os anjos exerciam uma relação de poder sobre seus pupilos, ou sapinhos. Estes eram observados, vigiados, ao mesmo tempo os pupilos tinham conhecimento disso. Os experientes exerciam sobre os novatos o que Foucault (1987, p.167) chama de poder inverificável e visível: sendo este último a certeza que os novatos tinham de que seus anjos estavam sempre por perto; já inverificável é aquele que o novato nunca deve saber que está sendo observado; mas ele deve ter a certeza de que essa observação sempre poderá acontecer. Apesar deste

mecanismo de observação que acontecia em todos os níveis, desde o Reitor até os anjos, sempre aconteciam as rebeldias, ou resistências.

À medida que os seminaristas iam tendo um entendimento do funcionamento do Seminário e o convívio entre eles aumentava, os garotos criavam condições de violar o comportamento, chegando até a expulsão: bebiam vinho escondido, fumavam, trocavam beijos, faziam amizades muito próximas, houve até a "célebre Inquisição dos Doze, que durou dez dias e resultou na expulsão de doze meninos — por gravíssimo delito coletivo contra a santa castidade" (TREVISAN, 2001, p. 41).

Foucault (1979, p. 241) esclarece que, uma vez que existe uma relação de poder, "há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa".

A obra *Em nome do desejo* se inicia com uma planta baixa do Seminário. Uma estrutura que revela ao leitor, desde as páginas iniciais, indícios significativos das micro e macrorrelações de poder nesse espaço de homossociabilidade.

A organização e disposição dos espaços dentro do Seminário eram muito bem delineadas, tanto os salões de estudo dos Maiores e dos Menores, quanto o refeitório para ambos. No dormitório dos Maiores havia o quarto do Reitor, já no dormitório dos Menores havia o quarto do Diretor Espiritual. Essas divisões bem arquitetadas são muito semelhantes aos colégios do século XVIII. Foucault (1988, p. 34) argumenta que esses colégios davam a impressão de que neles não se falava em sexo; no entanto, toda a arquitetura e organização interna levavam a se pensar que "lá se trata continuamente do sexo". Além disso, o filósofo lembra que "os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças".

Louro (2010, p. 27) esclarece que a vigilância sobre a sexualidade não elimina o interesse, apenas limita "sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca". Tudo o que envolve a curiosidade sobre a sexualidade é mantida no segredo e no privado, e através do disciplinamento, "aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle" (LOURO, 2010, p. 27).

Durante as punições os garotos tiravam proveito para se socializar e diminuir a carga tensional em que viviam constantemente. Eles sentiam na própria pele que dentro do Seminário seus corpos eram o que Philip Corrigan, citado por Louro (2010, p. 17-18), destaca

que viveu em uma escola inglesa, ou seja, "ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentidos...".

A capela, por exemplo, era um lugar lúdico onde os penalizados se juntavam para comer hóstias na sacristia, ou mesmo tocar no órgão. Além disso, costumavam fazer teatro dentro do recinto reproduzindo uma "missa fúnebre (geralmente pela alma de algum Prefeito de Disciplina especialmente detestado) e imitações caricatas dos Superiores" (TREVISAN, 2001, p. 42). O narrador fala que os meninos não se sentiam acuados por fazerem essas brincadeiras diante de Deus, na capela, pois eles entendiam que uma vez que as gaiatices contra o Regulamento eram feitas no próprio lugar da penitência, esta já neutralizava a origem dos pecados, pois já estavam em estado penitencial. Assim, de forma sutil, o narrador explica que "isso prova, quando menos, que eles conheciam os rudimentos da Doutrina Cristã" (TREVISAN, 2001, p. 42).

Enfim, todo o período que vai dos dez anos de idade até os quinze dentro do Seminário, caso o seminarista não fosse expulso, significava uma fase da adolescência que para sempre deixaria impressões muito fortes tanto no corpo quanto na mente. A socialização era imposta, porém, por um lado, a homoafetividade existia e era, para muitos, um grande refúgio, por outro lado também conduziu a confrontamentos dolorosos. O espaço de socialização dentro do Seminário era uma confirmação de que ser hétero é o normal, e que o outro, não hétero, é aquele que deve ser sempre marcado como um ser análogo, pois algumas características deles são distintas do hétero, e são elas que dão a legitimidade do ser humano.

Considerações finais

Neste artigo nos dedicamos a uma breve análise das relações de homossociabilidade no romance *Em Nome do Desejo*, de João Silvério Trevisan. A partir de uma perspectiva teórica dos estudos sobre literatura, homoerotismo e homossociabilidade, que embasaram a leitura e a análise do romance, verificamos que, nesses espaços de sociabilidade, as relações de amizades entre homens, entre adolescentes, entre meninos, costumam ser de suporte, como no Seminário – um ambiente estritamente masculino e fechado, principalmente entre aqueles considerados efeminados –, no intuito de se estabelecer uma proteção mútua e também quanto aos sentimentos de atração e desejo por outros rapazes.

Os garotos efeminados do colégio viviam situações de humilhações e medo por causa da homofobia. A prática da homossociabilidade, em especial entre os garotos da Passarada, era tanto inevitável quanto de sobrevivência. A homofobia naquele espaço era gritante, pois Tiquinho e seu grupo sofriam agressões que os levavam à enfermaria, como acontecia no jogo do garrafão. Além disso, havia um medo íntimo e pessoal, principalmente daqueles que se encontravam sentindo atração pelo outro do mesmo sexo, logo no início da adolescência. A inocência diante de um sentimento tão novo levava-os a procurarem os religiosos, seus mestres, para lhes auxiliarem, mas, na maioria das vezes, estes provocavam uma inversão de sentimentos que deixavam os meninos mais confusos do que seus primeiros contatos com a própria sexualidade.

A homossociabilidade existe entre o pai e seus filhos do sexo masculino quando assistem a um jogo, entre um grupo de homens reunidos em volta de uma mesa de bar, em uma corporação militar, entre meninas no recreio da escola ou ao redor de seus brinquedos. Enfim, a homossociabilidade faz parte das escolhas de amizades que normalmente fazemos em nossa vida. Mas, "uma vez desaparecida a amizade enquanto relação culturalmente aceita, a questão é colocada: 'o que fazem então dois homens juntos?' neste momento o problema apareceu" (Foucault, 2004, p.273/4, grifos do autor).

Portanto, a controvérsia está em nós. Cabe a nós mesmos nos estranhar, nos desconcertar e, essencialmente desconfiarmos de nós mesmos, da nossa sociedade dual e do meio de cultura estanque que permitimos existir ao nosso redor. Podemos ter, através da literatura, a comunicação para algumas respostas na busca de compreender o outro. Como diz Todorov (2010, p.23), a literatura "ajuda a viver", nos faz estar em lugares sem tirarmos os pés do chão, vamos além de nosso próprio mundo. Além disso, Todorov (2010, p.23) acrescenta que ela "incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo". Por um lado, a literatura nos faz ver o mundo de forma singular, por outro, os personagens nos mostram como há um bocado de nós mesmos em cada um deles. Assim, cativamos ainda mais o ser humano que somos na representação do outro, na ficção e no dia a dia, uma vez que as identidades são construídas a partir da relação de alteridade.

ABSTRACT: In this article, we aim to analyze the novel *Em nome do desejo*, by João Silvério Trevisan, from the perspective of studies on literature and homoeroticism. The thematic focus concerns the study of homosocial relations at boarding school and its physical and emotional consequences in the lives of some inmates, who are stigmatized, humiliated and offended because they are gay.

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 88-105, ago. 2016. Recebido em: 15 abril 2016. Aceito em: 5 jul. 2015.

KEYWORDS: friendship, stigma, homosociability.

Referências

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

CAMARGO, Flávio Pereira. Corpos ardentes, desejos latentes: configurações homoeróticas em *Abjetos: desejos*, de Antonio de Pádua da Silva. In: *Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH*. Volume 1, número 1. Salvador, UFBA, 2012. Disponível no site: http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=129:f&catid=42:a&Itemid=88. Acessado em: 20/11/2013.

_____. Espaços marginais do desejo homoerótico em contos de Caio Fernando Abreu. In: CAMARGO, Flávio Pereira; CARDOSO, João Batista (Orgs.). *Percursos da narrativa brasileira contemporânea*: coletânea de ensaios. V.II. Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2011, p.63-81.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. De L'amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, publicada no jornal *Gai apied*, n.**25**: 1-16, 1981. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível no site: http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf. Acessado em: 03/04/2014.

_____. *História da sexualidade I:* a vontade de saber**.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. In: *Verve*, **5**: 260-277, 2004. Disponível no site: http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537. Acessado em: 03/04/2014.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

LECHAKOSKI, Leandro; ADELMAN, Míriam. O homem cordial: modernização do Brasil e homossociabilidade. In: *Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES*, v. 1, n.1: 1-13, 2011. Disponível no site: http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/search/authors/view?firstName=M%C3%ADriam&middleName=&lastName=Adelman&affiliation=&country=. Acessado em: 07/04/2014.

LOPES, Denilson. *O homem que gostava de rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 7-34.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PERLONGHER, Nestor. Territórios marginais. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). *Na sombra da cidade*. São Paulo: Esditora Escuta, 1995, p. 83-116.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men*: English literature and male homosocial desire. New York: Columbia University Press, 1985.

TODOROV, Tzevtan. *A Literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TREVISAN, João Silvério. *Em nome do desejo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade*: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.